



INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA NAS CIÊNCIAS HUMANAS

**Gabriella Rossetti Ferreira
(Organizadora)**

Gabriella Rossetti Ferreira

(Organizadora)

Investigação Científica nas Ciências Humanas

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
162	Investigação científica nas ciências humanas [recurso eletrônico] / Organizadora Gabriella Rossetti Ferreira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Investigação Científica nas Ciências Humanas; v. 1) Formato: PDF Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-391-0 DOI 10.22533/at.ed.910191806 1. Ciências humanas. 2. Investigação científica. 3. Pesquisa social. I. Ferreira, Gabriella Rossetti. II.Série. CDD 300.72
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Investigação Científica nas Ciências Humanas - Parte 1” traz diversos estudos que se completam na tarefa de contribuir, de forma profícua, para o leque de temas que envolvem o campo das ciências humanas.

O papel da investigação científica é amplamente debatido em todos os países desenvolvidos e conseqüentemente, faz parte de todas as agendas políticas. Assumamos, pois, a importância da investigação científica que levamos a cabo pela pertinência dos estudos desenvolvidos face à de outros, e pelo impacto dos resultados junto da comunidade científica.

No caso da investigação científica em educação, é muito acentuada a relação entre investigação e política ou, se assim se quiser pensar, a dimensão política da investigação. Com efeito, a escolha dos temas reflete as preocupações dos investigadores, seja no aprofundamento de referenciais teóricos, seja na compreensão de problemas educativos e formas de os resolver.

É possível afirmar que sem pesquisa não há ensino. A ausência de pesquisa degrada o ensino a patamares típicos da reprodução imitativa. Entretanto, isto não pode levar ao extremo oposto, do professor que se quer apenas pesquisador, isolando-se no espaço da produção científica. Por vezes, há professores que se afastam do ensino, por estratégia, ou seja, porque do contrário não há tempo para pesquisa. Outros, porém, induzem à formação de uma casta, que passa a ver no ensino algo secundário e menor. Se a pesquisa é a razão do ensino, vale o reverso: o ensino é a razão da pesquisa, se não quisermos alimentar a ciência como prepotência a serviço de interesses particulares. Transmitir conhecimento deve fazer parte do mesmo ato de pesquisa, seja sob a ótica de dar aulas, seja como socialização do saber, seja como divulgação socialmente relevante. (DEMO, 2001)

Para que se tenha um progresso na qualidade do ensino nos seus diversos níveis é necessário que a pesquisa exerça o papel principal dentro e fora de sala de aula, e que apresente um elo para com a prática pedagógica do docente, promovendo uma formação crítica e reflexiva.

Gabriella Rossetti Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NOS DOCUMENTOS OFICIAIS BRASILEIROS SOB ANÁLISE: PENSANDO AURORAS POSSÍVEIS	
Lorena Santos da Silva Paula Côrrea Henning	
DOI 10.22533/at.ed.9101918061	
CAPÍTULO 2	11
A EXPERIÊNCIA DE SER CRIANÇA EM WALTER BENJAMIN	
Eduarda Aleycha Luciano Santana Paula Ramos de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.9101918062	
CAPÍTULO 3	23
A GEOPOLÍTICA DOS ESTADOS UNIDOS NA “DOCTRINA TRUMP” E A ORDENAÇÃO MUNDIAL	
Matheus Seiji Bon im Takiuchi	
DOI 10.22533/at.ed.9101918063	
CAPÍTULO 4	35
A INFLUÊNCIA DO AMBIENTE CONSTRUÍDO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM	
Paula Scherer Mariela Camargo Masutti	
DOI 10.22533/at.ed.9101918064	
CAPÍTULO 5	46
SEXUALIDADE E SUAS ARTICUÇÕES NO ESPAÇO DE ENSINO APRENDIZAGEM, A PARTIR DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS	
Gabriella Rossetti Ferreira Paulo Rennes Marçal Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.9101918065	
CAPÍTULO 6	61
A INFLUÊNCIA DO ESPAÇO CÊNICO NA CENA SHAKESPEARIANA: IMPASSES DA MONTAGEM DO HAMLET DO TEATRO DE ARTE DE MOSCOU	
Edilaine Dias	
DOI 10.22533/at.ed.9101918066	
CAPÍTULO 7	73
A OBRA SPACCIO DE LA BESTIA TRIONFANTE: COMO REFLEXO DA CRISE RELIGIOSA ENTRE REFORMADOS E CATÓLICOS NO SÉCULO XVI	
Raimundo Pedro Justino de Orlanda Ideusa Celestino Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.9101918067	
CAPÍTULO 8	85
A PARADIPLOMANIA NUM MUNDO EM TRANSFORMAÇÕES	
Lucas Lima Da Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.9101918068	

CAPÍTULO 9	98
ACESSIBILIDADE ARQUITETÔNICA: UM ESTUDO SOBRE ESCOLAS ESTADUAIS	
Letícia Prevideli Scarabello Vera Lucia Messias Fialho Capellini	
DOI 10.22533/at.ed.9101918069	
CAPÍTULO 10	107
APRENDENDO MATEMÁTICA ATRAVÉS DE RECURSOS LÚDICOS: UM ESTUDO VOLTADO PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA	
Andressa Nunes Martins	
DOI 10.22533/at.ed.91019180610	
CAPÍTULO 11	116
AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO USO DE DROGAS EM MULHERES QUE CONVIVEM COM DEPENDENTES DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS	
Ana Maria Kuse Cassandra Borges Bortolon	
DOI 10.22533/at.ed.91019180611	
CAPÍTULO 12	130
ATIVIDADE EXTRATIVISTA MADEIREIRA E URBANIZAÇÃO NO EXTREMO SUL DA BAHIA (1948-1972)	
Luísa Dias Silva Márcio Soares Santos	
DOI 10.22533/at.ed.91019180612	
CAPÍTULO 13	139
COMPREENSÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO POR ATORES DO TURISMO: ESTUDO DE CASO COM ALUNOS DA UNESP – CAMPUS DE ROSANA	
Guilherme Henrique Barros de Souza Elisama de Souza Franco Leticia Sabo Boschi	
DOI 10.22533/at.ed.91019180613	
CAPÍTULO 14	151
CRIATIVIDADE: CAMINHOS, DESVIOS E RETOMADA	
Maria Luiza Ramos Tonussi Eliane Patricia Grandini Serrano	
DOI 10.22533/at.ed.91019180614	
CAPÍTULO 15	163
DESPERTANDO UM OLHAR GEOGRÁFICO E AMBIENTAL NOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DA E.E. JOSEPHA CUBAS DA SILVA SOBRE A CANALIZAÇÃO DOS CORPOS HÍDRICOS	
Fábio César Martins Thiago José de Oliveira Márcia Cristina de Oliveira Mello	
DOI 10.22533/at.ed.91019180615	

CAPÍTULO 16	175
DOM VITAL E A QUESTÃO RELIGIOSA NO SEGUNDO REINADO	
Rodrigo Dantas de Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.91019180616	
CAPÍTULO 17	194
EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DA BICA DO IPU, CEARÁ: DESAFIOS PARA A BUSCA DE SUSTENTABILIDADE	
Francisca Lusimara Sousa Lopes Vanda Claudino Sales	
DOI 10.22533/at.ed.91019180617	
CAPÍTULO 18	198
EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA AOS TRABALHADORES DO PROJETO PROFISSÃO CATADOR DA UNICRUZ: ORGANIZANDO SABERES PARA O EXERCÍCIO DA CIDADANIA	
Ieda Márcia Donati Linck Esther Teixeira Carvalho Ane Elise de Souza Fiuza	
DOI 10.22533/at.ed.91019180618	
CAPÍTULO 19	211
EMPREENDEDORISMO E INOVAÇÃO ATRAVÉS DO MODELO DE NEGÓCIO CANVAS	
Cláudia Rafaela Schneiders Roberto Schuster Ajala Luciana Scherer Lucas Ivan Grimm	
DOI 10.22533/at.ed.91019180619	
CAPÍTULO 20	227
ESCOLA SEM PARTIDO: LUTA IDEOLÓGICA NO ESPAÇO ESCOLAR	
Eduardo Danilo Ribeiro dos Santos Aparecida Maria Almeida Barros	
DOI 10.22533/at.ed.91019180620	
SOBRE A ORGANIZADORA	237

A OBRA SPACCIO DE LA BESTIA TRIONFANTE: COMO REFLEXO DA CRISE RELIGIOSA ENTRE REFORMADOS E CATÓLICOS NO SÉCULO XVI

Raimundo Pedro Justino de Orlanda

Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)

Curso de Filosofia

Sobral - Ceará

Ideusa Celestino Lopes

Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)

Curso de Filosofia

Sobral - Ceará

RESUMO: A Europa no século XVI estava imersa em uma crise religiosa, causada pelos conflitos decorrentes das reformas cristãs. É sob este contexto, que Giordano Bruno (1548-1600), publica em Londres a obra *Spaccio de la besta trionfante* (1584). Nosso trabalho tem como objetivo apresentar a metáfora bruniana da reforma celeste como crítica das reformas de seu tempo. Para Bruno, a função da religião é manter a harmonia entre os homens e zelar pelo bom convívio social, através da moral, embutida nas doutrinas. Porém, surgiu com as reformas, a guerra entre os homens, neste sentido o autor observa que a religião perdeu a capacidade de cumprir seu papel social. Segundo o nolano, a paz só poderá ser novamente estabelecida na terra pelo uso da força e da sabedoria, que deve exterminar a falsa religião, que subverte os valores morais. Na obra, Bruno apresenta uma amarga crítica moral aos reformados e

católicos. Para Bruno é necessário que o poder político assegure por meios de leis civis a manutenção do relacionamento do ser humano com os ser divino, a fim de extinguir os conflitos e favorecer o bom convívio social. Nesse sentido compreendemos que a obra é uma reflexão de quanto o poder religioso, que estava corrompido pelos vícios, dominava o pensamento do homem medieval e de que através dele, esse homem não conseguia encontrar o caminho da virtude, ou seja, é preciso deixar a religião no seu lugar, para que o homem saia da crise religiosa, política e social que estava sofrendo.

PALAVRAS-CHAVE: filosofia; moral; crise; religião; reforma; metáfora.

THE EXPULSION OF THE TRIUMPHANT BEAST: AS A REFLECTION OF RELIGIOUS CRISIS AMONG REFORMED AND CATHOLICS IN THE XVI CENTURY

ABSTRACT: Europe in the sixteenth century was immersed in a religious crisis, caused by the conflicts arising from Christian reforms. It is in this context that Giordano Bruno (1548-1600) publishes in London the work *The expulsion of the triumphant beast* (1584). Our work aims to present the Brunian metaphor of celestial reform as a critic of the reforms of his time. For Bruno, the function of religion is to maintain

harmony among men and to watch over good social living, through morality, embedded in doctrines. However, it arose with the reforms, the war between men, in this sense the author notes that religion has lost the ability to fulfill its social role. According to the nolano, peace can only be established again on earth by the use of force and wisdom, which must exterminate the false religion, which subverts moral values. In the work, Bruno presents a bitter moral criticism to the retired and Catholics. For Bruno it is necessary that political power ensures by means of civil laws the maintenance of the relationship of the human being with the divine being, in order to extinguish the conflicts and favor the good social life. In this sense we understand that the work is a reflection of how much the religious power, which was corrupted by the vices, dominated the thought of medieval man and that through him, this man could not find the path of virtue, that is, religion in its place, so that man would get out of the religious, political and social crisis he was suffering.

KEYWORDS: philosophy; moral; crisis; religion; reform; metaphor.

1 | INTRODUÇÃO

O século XVI foi marcado historicamente por dois momentos importantes no cenário religioso cristão: a reforma protestante iniciada em 1517 por Martinho Lutero (1483-1546), e pelas ações da contrarreforma feitas pela Igreja Católica, alavancadas com o Concílio de Trento em 1545. É, sob esse contexto de conflitos religiosos, que Giordano Bruno (1548-1600) irá elaborar as suas reflexões sobre a questão da religião, que vinha se agravando ao longo do tempo em toda a Europa, a qual estava cada vez mais dividida entre católicos e protestantes. Citamos como exemplos, a França e a Inglaterra que foram países que conviveram com essa cisão religiosa.

Para compreendemos as reflexões feitas por Bruno sobre essa crise religiosa, utilizaremos a obra *Spaccio de la bestia trionfante*, escrita e publicada em Londres no ano de 1584, na qual encontramos o relato de uma reforma proposta por Júpiter no tocante as posições que os deuses ocupavam nas constelações celestes. Essa mudança foi necessária porque alguns deles deveriam deixar seus postos e ceder seus lugares a outras divindades, mais merecedoras. Consideramos que este recurso é um paralelo metafórico que Bruno faz entre a reforma celeste dos deuses com as mudanças religiosas do século XVI, apresentando um modelo a ser seguido, para conduzir a sociedade para o bom convívio social, interpretado como sua filosofia moral. Segundo Granada (2002), o nolano apresenta um modelo para o bom convívio social, através da reforma moral como proposta para a instauração da ordem e da paz, na verdade, isso é o fundamento de sua filosofia moral, que está presente nas suas duas obras: *Spaccio* e *Cabala del cavallo pegaseo*. Nelas o autor discute essa temática por meio de metáforas.

Bruno escreve o *Spaccio* em forma de diálogo e o divide em três partes, dos quais participam como interlocutores, Sofia (a deusa Sabedoria, mediadora entre os deuses e os homens), Saulino (um personagem imaginário, alter ego de Bruno) e

Mercúrio (o mensageiro dos deuses). Podemos subdividir a obra em dois momentos: a apresentação que Sofia, uma das participantes da reforma, faz para Saulino dizendo o modo como ela aconteceu; e as discussões entre os deuses Sofia e Mercúrio, que fazem uma atualização das decisões que foram tomadas na reforma.

A obra inicia com uma introdução aos diálogos, a *Epistola Esplicatoria*, um texto crucial para compreendermos o significado do *Spaccio*. Nela, Bruno dedica a obra a Felippo Sidneo, nobre inglês ao qual o nolano tinha grande admiração. Nela o autor se apresenta como “filho do pai Sol e da mãe Terra”, e diz que sua intenção é apresentar a moral a partir do olhar filosófico, e por isso afirma que seu objetivo não é atirar contra o que é certo, honesto, bom e divino. O autor afirma que os seus diálogos presentes no texto, podem ser tidos como “bons ou tristes, prezados ou indignos, excelentes ou covardes, doutos ou ignorantes, altos ou baixos, proveitosos ou inúteis, férteis ou estéreis, importantes ou irrelevantes, religiosos ou profanos”, pois o nolano considera que o número de sábios e de cultos, a quem ele destina a obra, é menor do que o número de tolos, e todos eles terão acesso a este seu trabalho. No entanto, Bruno assegura que na obra vai nomear as coisas de acordo com o modo como elas se apresentam, vai chamar o “pão por pão, o vinho por vinho”, e todas outras coisas por seu próprio nome, e compreende que por isso, ele pode ser perseguido e condenado. Na Epistola o autor destaca a posição de Júpiter como o governador do céu, e aponta uma de cada vez as divindades presentes nas constelações, que foram convocadas para o concílio.

Neste nosso trabalho pretendemos entender o posicionamento de Bruno diante do conflito religioso no qual estava inserido, de certa forma como expectador, diante do fato de não ter se convertido ao protestantismo. E a partir deste contexto identificar se ele apresenta um caminho que poderia ser a solução para tal crise. Contudo, é possível se deparar com vários questionamentos sobre como Bruno se posicionou, no sentido de entender se ele está do lado dos reformados ou do lado dos católicos, ou ainda se ele tem a sua própria posição. É por isso, que discutiremos aqui, como o autor descreve no *Spaccio*, a partir das discussões dos interlocutores, o relato da reforma entre os deuses, e quais foram as consequências dela para o mundo divino.

Compreendemos que esse trabalho é uma atualização do pensamento bruniano sobre a questão da religião, é de conhecimento de todos a sua colaboração no campo da cosmologia, ou sobre a arte da magia, mas poucos são conhecedores dessa sua discussão sobre a religião que se consagra como sua filosofia moral. Esse desconhecimento no ambiente acadêmico no Brasil, pode se dar pela escassez de suas obras traduzidas em português. O autor quer tratar da religião no sentido etimológico da palavra, e a sua concepção é diferente daquela que estava sendo apresentada em sua época. Com isso, vamos tratar do debate dessa temática abordando as reflexões bruniana acerca da crise religiosa de seu período, em seguida iremos apresentar um quadro geral da obra, expondo porque Júpiter julgou que a reforma celeste era necessária e apontar quais foram os julgamentos que eles fizeram, para tornar o céu

puro.

2 | A REFORMA CELESTE

A reforma ocorrida entre os deuses tratada na obra *Spaccio*, tem como finalidade expulsar do céu as divindades que não eram mais dignas de suas posições por causa de seus vícios, afim de manter um céu virtuoso. Para esta exposição o autor utiliza como personagens os deuses da mitologia romana, fazendo-nos recordar o modo como os homens se apegam as divindades religiosas e remetem a elas a existência das coisas que não encontram justificativas na terra, ou seja, a origem dos deuses se justifica pela limitação humana. Ao falar dos participantes do conselho geral, Bruno escreve que “os congregados lembravam tantas estátuas ou tantas pinturas”. O que podemos remeter as divindades religiosas personificadas pelas estátuas e pinturas, as quais segundo as religiões vivem no céu, e por isso, os homens também realizam suas ações para uma finalidade que não é deste mundo.

No texto a descrição da assembleia dos deuses, um fato muito importante no mundo deles, é iniciada quando Sofia apresenta a Saulino como Júpiter fez a convocação das divindades, que estavam presentes nas constelações para realizarem um concílio, o qual tinha por objetivo moralizar o céu, expulsando do mundo divino os vícios e mantendo as virtudes. Júpiter motiva os deuses para fazerem a reforma dizendo,

Se assim (oh Deuses) purificarmos a nossa morada, se assim tornarmos novo o nosso céu, nove serão as constelações e influxos, novas as impressões, novas fortunas; porque deste mundo superior depende o todo, e efeitos contrários são dependentes de causas contrárias. (BRUNO, 2000, p. 73, tradução nossa)

O dia escolhido por Júpiter para a realização desta assembleia foi uma data muito especial, o da comemoração da vitória dos deuses contra os gigantes, a Gigantomaquia é definida por Bruno como “sinal da guerra contínua e sem nenhuma trégua que a alma faz contra os vícios e os afetos desordenados”. Por isso, o pai dos deuses quer deixar claro que assim como naquele dia foi difícil vencer os gigantes que assaltaram os filhos de Gaia, também naquele momento deveria ser enorme o esforço deles para repelir os gigantes e “*expulsar*” a “*besta triunfante*”, pois são as suas dignidades que estão em jogo. E como o próprio Júpiter recorda “aquele temor, que nos tornava tão gloriosos, desapareceu; [...] por aqueles que habitam na terra somos desprezados e vilipendiados”.

Júpiter propõe que seja estabelecido um novo ordenamento dos postos ocupados pelas divindades no céu, por considerar que alguns deuses não estavam mais sendo dignos de permanecerem em suas cadeiras. No entanto, observamos que em sua oração na abertura do concílio, Júpiter questiona sobre a posição das divindades nas constelações, e também a respeito da quantidade de estrelas que cada um

dos deuses possuía. A indagação era se estes fatos teriam ligação com a troca de favores que existia entre elas, querendo salientar o quanto as coisas no céu estavam desordenadas. Mas o próprio Júpiter reconhece que também cometeu erros, por isso é o primeiro a declarar sua culpa, no seu discurso de abertura do concílio:

pequei muito gravemente, e pelo mal exemplo vos apresentei a permissão e faculdade de fazer o mesmo; e assim confesso, dignamente, eu juntamente com vocês fomos indignos de fato, o que não nos faz mais ser reconhecidos como deuses, e enquanto temos as imundices (vícios) na terra concedidas pelo céu (pelas divindades), com isso permitimos que fossem cassados os nossos templos, imagens e estátuas que tínhamos na terra: até ao ponto que dignamente fôssemos desprestigiados por aqueles, os quais indignamente colocaram no nosso lugar as coisas desprezíveis e baixas. (BRUNO, 2000, p. 70, tradução nossa)

A partir daqui encontramos os fundamentos da reflexão de Bruno, discutida na obra pela descrição do relacionamento entre os deuses e da função deles no espaço celeste. Vemos que depois da oração da abertura do Concílio, Sofia apresenta a Saulino as novas regras a serem observadas pelos deuses, entre elas: a ordem dada a Vulcano que não trabalhe nos dias de festa; as restrições das orgias de Baco; a punição a Momo, por ter criticado a postura de alguns deuses, e como Júpiter o restitui ao seu posto, permitindo-lhe que faça crítica quando for necessária sem que, por este motivo, seja perseguido. A determinação a Cupido que quando fosse se apresentar aos homens estivesse vestido pelo menos da cintura para baixo. E ainda, Júpiter sentenciou que os deuses não deveriam ter amantes ou serviçais com idade menor que vinte e cinco anos.

Ao discutirem sobre a manutenção das virtudes no céu, o primeiro posto pelo qual Júpiter faz julgamento é o da deusa Verdade, sua sentença foi que deveria permanecer no céu e lhe é garantido o lugar mais alto, pois todos os deuses concordaram que a Verdade, como “imutável e imortal”, deveria sempre estar acima de todas as coisas. E junto com ela, eles julgaram que deveriam ficar suas duas fiéis companheiras a Providência e a Prudência.

Em seguida, ao discutir sobre a deusa Sabedoria, que também está sempre acompanhada da Verdade, Júpiter demonstra para eles que é através da Sabedoria que os reinos conseguem se manter, pois um administrador sem sabedoria é um administrador ruim diante dos seus súditos e fraco perante os inimigos. Assim como a Sabedoria ficou com seu posto no céu, toda a assembleia também concordou que deveriam ficar perto dela a Lei e a Justiça. Contudo, a Sabedoria também deve substituir a Ignorância, o Arbítrio, o Fanatismo Religioso, a Violência e o Interesse Próprio, que foram expulsos do céu.

A discussão da reforma continua no julgamento daqueles que devem permanecer no céu. Entre os que ficam destacamos a deusa Fortaleza, no lugar que foi sediado por Hércules. A deusa Memória e suas nove filhas, como também a Penitência, a Solicitude, a Filantropia, a Sagacidade, a Esperança, a Fé e a Virgindade.

Dentro desta discussão o autor ainda faz apresentação da deusa Fadiga, aquela que “fez com que Perseu fosse Perseu, Hércules fosse Hércules, e toda tarefa árdua é cansativa e grandiosa”, com isto, podemos entender que o autor afirma que depois do rompimento dos valores morais, é somente por meio do trabalho, função da Fadiga, que é possível alcançar o caminho da civilização. Depois de toda essa abordagem feita por Júpiter, em elogio a Fadiga, o Ócio toma a palavra e apresenta para toda assembleia críticas a Fadiga, com o objetivo de mostrar a todos que ele deve ser considerado mais merecedor do céu, em relação a ela, e ainda, o Ócio faz uma recordação a Idade do Ouro, como um acontecimento de extrema importância do qual a Fadiga não fez parte, e por isso é permitido considerá-la como uma ameaça à ordem e a sobrevivência na terra. Porém, mesmo depois desta exposição, Júpiter não cede espaço ao Ócio, designando que ele se torne Negócio, para permanecer no céu, e, no entanto, para a Fadiga é dado o posto no céu que pertencia a Perseu.

Na reforma celeste, os deuses também discutem sobre a situação de Hércules, filho de Júpiter, se ele deveria ou não ficar no céu, considerando que ele tinha ganhado o posto por conta de seus atos heroicos entre a humanidade, mesmo Hércules não sendo um deus, mas um semideus, um “deus terrestre”. Júpiter entende por bem, o enviar de volta à terra, para manter a ordem e a paz entre os homens, e para cumprir esta finalidade ele deve usar sua sabedoria para assegurar a paz e a sua força para manter a ordem.

Júpiter também envia à terra Perseu que tem a missão de destruir o monstro que atormentava a humanidade, descrito pelo pai dos deuses como a nova Medusa. Mas, para isso, Júpiter ordena que Perseu não se apresente apenas como um aventureiro, que está nesta batalha por conta própria, como outrora, mas como um enviado do senado celeste, este, que o auxiliará de todas as formas para que consiga finalizar sua missão com sucesso. Júpiter ainda permite a Perseu que ele possa utilizar-se de Pégaso.

Fazendo um paralelo entre o mundo celeste e o terrestre, podemos interpretar que a figura de Medusa, citada por Júpiter que está no mundo terrestre, é uma comparação que o autor faz com a falsa religião, que estava se disseminando pela Europa e criando situações de guerra entre os homens. Júpiter destina a Coroa Boreal como prêmio ao “futuro braço invencível, que o martelo e fogo trará a tão desejada paz a mísera e infeliz Europa, amassando as inumeráveis cabeças deste monstro ainda pior que a Hidra de Lerna, que com heresias de todo tipo derrama o seu fatal veneno”.

É possível compreendemos a referência que Bruno faz do papel que a religião deve cumprir enquanto mediadora social. Para o nolano “nenhuma lei que não é ordenada para a prática do convívio humano, deve ser aceita”, e ainda que é através da lei e da justiça que aparecem os frutos necessários para a convivência humana, e estes também devem ser os resultados da função da “mais perfeita religião”. Para Bruno o mundo não pode subsistir sem lei e sem religião, pois sem elas a justiça perde a sua prática. Segundo o autor, a lei e a religião sendo executada através dos costumes

e dos gestos trazem para o homem a honra e a felicidade. Nesta abordagem, Bruno deixa claro qual é a função da religião: manter a paz e favorecer o bom convívio social. A religião se distanciou de sua função natural quando desestabilizou a paz entre os homens e deu lugar ao caos por meio de conflitos, guerras, disputas e mortes em nome da fé.

Assim como o objetivo da reforma celeste apoia-se na questão da moral, entendemos que o autor faz uma comparação para que também seja realizada essa reforma moral na Terra. Porque é preciso assegurar a função dos valores morais e éticos, que foram invertidos por conta das reformas religiosas. Para ele, as reformas criaram um cisma político-social e confundem os homens quanto à questão moral, porque pela diversidade de manifestações de diversas religiões ou igrejas, os homens não sabem a quais pressupostos morais devem seguir.

Portanto, a partir da observação deste quadro de mudanças no mundo celeste, vamos agora discutir qual o significado dela na obra e como o autor aponta as reflexões sobre a questão religiosa, mediante esse cenário de conflitos. Queremos aprofundar as interpretações que já foram referidas acima. Para compreendermos qual o posicionamento de Bruno perante os sujeitos causadores desta crise.

3 | REFLEXÃO BRUNIANA SOBRE A CRISE RELIGIOSA

Segundo Canone (2004) Bruno apresenta no *Spaccio* uma amarga crítica moral, que envolve os aspectos religiosos de sua época. Também encontramos essa concepção crítica de Bruno em Leinkauf (2014) que considera o autor como o crítico mais ferrenho do conceito tradicional de religião dentre os mestres e doutores em teologia, tanto entre os católicos como os protestantes. No entanto, é possível perceber na obra a posição bruniana também de crítica e defesa da religião, ou seja, a crise na qual se estava inserida se dava pela ausência do cumprimento do papel da religião, enquanto mediadora social, porém o quadro que se tinha era de facções religiosas, que concebiam o seu próprio catecismo, porque na verdade, eles se preocupavam apenas em julgar, crítica e reprovar a outra instituição religiosa.

As duas vertentes religiosas, os reformados e os católicos, estão presentes no texto. Apesar de haver uma crítica contundente aos reformados. Quando o autor vai fazer referência aos reformados ele utiliza-se do termo “pedantes”, fazendo-nos entender a falta de consideração que o nolano tem para com eles. Na verdade, Bruno distancia os reformados daquilo que ele considera como a “mais perfeita religião”, pois como ele afirma a máxima religião deve ser aquela na qual o indivíduo “nasceu, cresce e se desenvolve”, ressaltando a questão da maturidade e seriedade que deve ter a religião, e que não pode ser como um “vento tempestuoso” que surge de repente.

A primeira discussão em que Bruno remete sua reflexão para aos reformados, é quando no concílio, Momo afirma que deverá ser dado fim a

seita de pedantes, que sem fazer o bem em conformidade à lei divina e natural, se estimam e querem ser estimados religiosos gratos aos deuses, e dizem que fazer o bem é bom, e fazer o mal é mal: mas não pelo bem que se faça, ou pelo mal que não se faça, nos tornamos dignos e gratos aos deuses, mas por esperar e acreditar segundo o catecismo deles. (BRUNO, 2000, p. 85, tradução nossa)

A crítica que Bruno dirige aos reformados é, sobretudo, por considerá-los imprudentes ao defenderem que as boas ações não são relevantes para a salvação, pois para os protestantes não há distinção entre as ações boas ou más, a defesa deles é de que a salvação dos homens depende somente das ações ligadas à fé, seguindo a orientação de suas doutrinas. Por isso, o autor considera que eles contribuem de forma contundente para o caos estabelecido na Europa, pois a religião perdeu a sua função social.

Ainda sobre essa questão, podemos observar que quando Júpiter vai emitir seu juízo com a intenção de “reformatar as deformadas leis e religiões”, ele primeiramente descreve as causas de como essa reforma se faz necessária, pois para o pai dos deuses, os reformados não se preocupavam com outra coisa a não ser:

impedir as conversações, dissipar as concórdias, dissolver as uniões, fazer rebelar-se os filhos dos pais, os servos dos patrões, os súditos dos superiores, colocar divisão entre povos e povos, gente e gente, companheiros e companheiros, irmãos e irmãos; e dividir as famílias, as cidades, as repúblicas e os reinos: e em conclusão, enquanto se saúdam com a paz, carregam por toda parte a faca da divisão e o fogo da dispersão, tirando o filho do pai, o próximo do próximo, o filho da pátria, e fazendo outros divórcios horríveis contra toda natureza e lei. (BRUNO, 2000, p. 125, tradução nossa)

Para Mercúrio, o perigo que os reformados representam para a humanidade chegava a ser tão grande que seria um “grande sacrifício aos deuses e benefício ao mundo ao persegui-los, matá-los e extingui-los da terra, porque são piores que as lagartas e os gafanhotos estéreis”.

Mesmo assim, o *Spaccio* não pode e nem deve ser tomado somente como um conjunto de críticas aos reformados ou na defesa do catolicismo. Pois na obra, a autor também apresenta várias críticas à Igreja Romana. Inclusive em várias passagens, podem ser tomadas em comparação à estrutura da Igreja Católica. Citamos como exemplo o modo no qual Bruno, na *epístola explicatoria*, descreve Júpiter como aquele “legítimo e bom vigário, o braço direito do princípio primeiro e causa universal”. Essa comparação referindo-se ao poder de Júpiter é ligada diretamente ao poder que o Sumo Pontífice Romano, possuía. Outro caso que não pode passar despercebido é o fato de que quando Júpiter vai reconhecer seus erros, ele usa um artifício da liturgia da Igreja, a oração do *Confiteor*, utilizada durante a celebração da Missa, e citado no final do sacramento da confissão, em forma de reconhecimento dos pecados, “minha culpa, minha máxima culpa”. E ainda, em outra passagem consideramos que essa comparação de Júpiter com o Papa, acentua a reflexão que Bruno dirige à Igreja

Católica, quando na abertura do conclave celeste, a autor apresenta como governador do céu faz sua oração em reconhecimento dos seus erros e pecados. Neste sentido, consideramos essa metáfora como uma comparação do próprio Papa abrindo os Concílios católicos, reconhecendo os seus erros e os de todos da Igreja, e dizer assim como Júpiter disse:

a nossa existência no céu, hoje, é mais nociva do que se não existíssemos, pior do que se tivéssemos desaparecidos: aquele temor que nos tornavam tão gloriosos, acabou; a nossa grande reputação de majestade, providência e justiça, é extinta; e o que é pior, não havíamos faculdade e força de para reparar o nosso mal, de vingar as nossas desonras: porque a justiça com a qual de fato governa os governadores o mundo, não retirou aquela autoridade e potestade a qual tínhamos tanto mal empregada, descobertas e desnudas diante dos olhos dos mortais as nossas manifestas infâmias; e faz com que o céu mesmo, então, com clara evidencia, como claro e evidente são as estrelas, sejam testemunhas dos nossos crimes. Porque assim se vê aberto os frutos, as relíquias, as transições, as vozes, as escrituras, as histórias dos nossos adultérios, os incestos, as fornicções, as raivas, as indignações, os roubos e outras iniquidades e delitos. (BRUNO, 2000, p. 59, tradução nossa)

Outra forte crítica aos católicos é a questão da idolatria e a veneração às relíquias, que de modo irônico Bruno faz referência ao caso do rabo da burra, quando a Igreja dizia para os fiéis: “Não a toque, beijai-a: esta é a santa relíquia daquela bendita burra que foi digna de levar o nosso Deus do Monte das Oliveiras a Jerusalém. Adorai-a, beijai-a, faça oferta, assim: vós recebereis e possuireis a vida eterna.”

Nesse sentido, Bruno não parece defender o viés católico em detrimento do outro. Mas, considera que a religião é uma estrutura importante da composição social. A finalidade que o autor quer chegar com a reforma moral é que seja instituído um estado soberano, e que este estado seja estimulador da fé religiosa como meio de construção da paz, um Estado totalmente laico, mas que possa ter uma orientação espiritual definida, e que as leis civis e as leis religiosas tenham o mesmo fim, conduzir o homem para a paz e a conservação da vida social, ou seja, a reforma moral deve ter por objetivo, a unificação entre o poder político e o poder religioso. Ou seja, deveria ser dado ao Príncipe, legítimo detentor do poder político, o poder que o Papa possuía. Por que assim, o Príncipe seria capaz de manter a execução das manifestações religiosas, através das leis, e por isso asseguraria o relacionamento do homem com o ser divino, e a religião voltaria a exercer sua função social. Extinguindo a abertura para conflitos religiosos.

Pois, Bruno entende, ainda, que a função inata da religião é ligar o homem a natureza, e assim fazer com que ele possa conviver de modo harmônico na sociedade. De certa forma, as religiões sempre conseguiram alcançar essa finalidade através dos seus princípios. Neste sentido, ele indica que seja feita a expulsão de comportamentos da religião cristã que, os quais ele considera como prejudiciais ao ambiente social.

Portanto, a tarefa de Hércules que é de derrotar a horrível serpente, podemos interpretar como a destruição do ódio, das guerras civis, das divisões, da degradação

da sociedade, e beneficiar a manutenção da paz e do bom convívio social. Para Ordine (2006), Bruno considera que Hércules é o rei da França, Henrique III. Pois, na última parte do livro o autor faz menção da coroa boreal, que seria dada ao jovem invencível Hércules, e ela já poderia ser destinada a Henrique III, pois o autor o descreve: “este rei cristão, santo, religioso e puro”. Portanto, é possível compreendermos que ele seria o príncipe capaz de instaurar através de seu poder político, a paz na terra.

4 | CONCLUSÃO

Considerando este contexto dos conflitos religiosos, que estavam presentes na Europa na segunda metade do século XVI, entendemos que a publicação desta obra de Bruno, pode ser considerada como uma reflexão que perpassa os aspectos políticos, sociais e religiosos daquela sociedade na qual o nolano estava inserido.

Contudo, percebemos na leitura do texto que não é intenção do autor defender os católicos, a religião na qual nasceu e cresceu, nem de defender os reformados, mesmo considerando que na época da publicação da obra ele estava convivendo com os anglicanos em sua estadia na Inglaterra. No entanto, deve-se notar que o nolano também não quer denegrir nenhuma religião, mesmo apontando duras críticas aos religiosos, sobretudo aos reformados. Consideramos que ele demonstra uma grande atenção à dimensão do sagrado, reconhecendo o valor da religião como: uma lei natural, que tem como finalidade favorecer o relacionamento do homem com o divino; e como uma lei civil, através dos pressupostos morais do catecismo, dos dogmas e da celebração dos ritos religiosos. Parece-nos que sua intenção é fazer uma reflexão sobre as causas dos conflitos entre os homens em nome da fé. Portanto, compreendemos que a objetivo de Bruno é tornar claro que a religião não estava cumprindo a sua finalidade como lei natural, ao adotar um mediador para fazer ligação entre o homem e o divino, ela quebra o vínculo direto do homem com o divino, por isso para o autor, ela não tem mais condição deve ser considerada como uma lei civil, que possa guiar o homem. O autor esclarece que esse rompimento trouxe graves consequências para a humanidade, e não só no ponto de vista social. E por isso, é possível entendermos que a metáfora apresentada no texto Bruno é o caminho que poderia solucionar esses conflitos, expulsar os vícios. Pois, a apresentação da “reforma celeste” na obra *Spaccio*, pode ser considerada como a posição que Bruno toma para si diante desses conflitos, pois suas reflexões são remetidas tanto para os reformados como para os católicos.

No entanto, a contundente crítica que o nolano faz ao cristianismo pode ser considerada como um reflexo da subversão dos valores morais, que surgiram a partir das reformas da religião cristã. Para Bruno, a reforma protestante, fez com que o cristianismo tomasse outro rumo, que não era aquele ao qual ele tinha como fundamental, ou seja, zelar pela harmonia e a boa convivência social, através dos seus valores morais existentes nas celebrações dos ritos e pela observação dos

mandamentos.

A solução desta subversão dos valores é apresentada no *Spaccio* pela expulsão dos vícios em favor da manutenção das virtudes, com isso, o autor deixa claro que deve ser dado fim, ou melhor, deve ser exterminada a falsa religião, a reformada ou os atos errados da Igreja Católica, ou seja, todos os vícios do cristianismo, para que com isso a religião possa voltar a cumprir seu papel social de manter a harmonia entre os homens.

Portanto, nos parece que Bruno propõe que seja criada uma relação entre o poder político e o poder religioso, nesta relação, no entanto, fica evidente um certo predomínio do poder político, ou seja, podemos dizer da formação de um estado independente que entre as suas funções estaria a de assegurar as ações religiosas, para que a religião possa exercer bem a sua função. Não que o autor defenda que o estado tenha como finalidade a questão religiosa, mas que seja uma das finalidades do estado manter as ações espirituais, a partir de leis civis, para que as leis religiosas possam ser também executadas, e, assim, gerar a paz entre os homens.

Embora não seja uma obra que trata sobre a teologia, e sim uma obra filosófica que trata da questão religiosa, o autor, sendo monge dominicano, apresenta na obra excertos bíblicos e da doutrina da Igreja Romana, com o objetivo de ser mais claro e fiel a suas comparações e a sua reflexão aos religiosos. Como por exemplo comparar que a boa religião deva ser aquela que cumpra as virtudes espirituais, ajudar os necessitados, dar de comer a quem tem fome, vestir os nus, etc. Assim como no último momento ao referir-se a figura do rei da França Henrique III, o descreve como um bom cristão, e cita mais uma vez a Sagrada Escritura, “bem-aventurados os pacificadores, bem-aventurados os mansos, bem-aventurados os puros de coração, porque deles é o reino dos céus”.

Portanto, Bruno nos deixa em sua obra um rico conselho, que não se devem romper os laços da comunicação entre o homem e o divino, muito menos impedi-los de usufruírem da sua liberdade de expressão, como fez o catolicismo e os reformados, pois somente através da prática dos valores morais, por exemplo a fraternidade, a concórdia, o companheirismo, e da liberdade de pensar, que podemos ser constituídos de uma paz sem fim e da harmonia entre os homens.

REFERÊNCIAS

BRUNO, Giordano. **Spaccio del la bestia trionfante**. A cura di Eugenio Canone. Milano: Arnoldo Mondadori Editore, 2000.

BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 1985.

CANONE, Eugenio. Bruno e la fine di tutte le cose. Sui motivi apocalittici dello *Spaccio*. **Bruniana & Campanelliana**. Ano X, Pisa – Roma: Instituti Editoriale e Poligrafici Internazionali, p. 269-282, 2004.

_____. La capella dello *Spaccio*: due cieli in uno. **Bruniana & Campanelliana**. Ano XI, Pisa – Roma: Instituti Editoriale e Poligrafici Internazionali, p. 29-51, 2005.

COSTA, Célio Juvenal; MARTINS, Flat James de Souza. Análise histórica, religiosa e educacional sobre o catecismo do Santo Concílio de Trento. **Revista Brasileira de História das Religiões**, ANPHU, Paraná, Ano II, n. 6, pag. 85-103, fevereiro, 2010.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO, promulgado por João Paulo II, Papa. Tradução Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. São Paulo, Loyola, 1987.

FERREIRA, Franklin. O movimento puritano e João Calvino. **Fides Reformata**. São Paulo: Ano 4, v 6, n 1, pag. 1-14, jan/jun, 1999.

GRANADA, Miguel A. **Giordano Bruno**: universo infinito, unión com Dios, perfección del hombre. Espanha: Herder, 2002.

LEINKAUF, Thomas. O conceito de religião no início da filosofia moderna, três exemplos: Maquiavel, Cardano e Bruno. **Revista Conjectura: Filosofia e Educação**, EDUC, Caxias do Sul. v. 19, n.3, pag. 14-35, set/dez, 2014.

LOPES, Ideusa Celestino. **A cosmologia bruniana como pressuposto de uma “reforma moral”**. 2013. 150. Tese (doutorado em Filosofia) - Programa Integrado de Doutorado em Filosofia (UFPB/UFPE/UFRN), João Pessoa, 2013.

_____. Giordano Bruno: de Nola a Roma. **Reflexões**, Fortaleza, Ano 3, n 05, pag. 01-15, jun/dez, 2014.

_____. Giordano Bruno e a Crise Religiosa da Segunda metade do século XVI. **Dialectus**, Fortaleza, Ano 2, n 04, pag. 13-27, jan/jun, 2014.

ORDINE, Nuccio. **O umbral da sombra**: literatura, filosofia e pintura em Giordano Bruno; trad. Luiz Carlos Bombassaro. São Paulo: Perspectiva, 2006.

RICCI, Saverio. Riformazione, Eresia e Scima nello Spacio de la bestia trionfante. **Bruniana & Campanelliana**. Pisa – Roma: Instituti Editoriale e Poligrafici Internazionali, Supllementi – Studi – 3, p. 224-262, 2002.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-391-0

